

O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

«Uma revolução não se faz gritando palavras irresponsáveis mas realizando um trabalho verdadeiramente revolucionário!»

Entrevista de ÁLVARO CUNHAL

Secretário geral do Partido Comunista Português

à Rádio Portugal Livre (27/2/1965)

« O PROJECTO DE PROGRAMA PRECIOSO INSTRUMENTO DE TRABALHO POLÍTICO »

Pergunta: Na reunião do Comité Central do Partido Comunista Português realizada em Janeiro do ano corrente foi aprovado o projecto dum novo Programa do Partido. Qual o significado e importância desse Projecto de Programa?

Resposta: O projecto de Programa do Partido Comunista Português, resultado do trabalho colectivo do Comité Central e aprovado por este na sua última reunião, fundamenta-se na análise da situação económica, social e política existente no nosso país, tendo em conta o mundo em que vivemos. O projecto de Programa do Partido define as características essenciais da sociedade portuguesa sob o regime fascista, revela os interesses, as posições e as contradições das várias classes sociais e mostra como se desenvolve actualmente em Portugal a luta de classes e qual a sua perspectiva revolucionária. O projecto caracteriza a etapa actual da revolução como uma revolução democrática e nacional, define os objectivos dessa revolução e indica as reformas e medidas necessárias para edificar em Portugal um regime democrático e assegurar a verdadeira independência da nossa Pátria.

O projecto de Programa do Partido Comunis-

ta justifica a necessidade da união de todas as forças democráticas e patrióticas e indica o caminho a seguir para o derrubamento do fascismo.

Como projecto de Programa do Partido da classe operária indica também como a luta para a revolução democrática e nacional é, para o nosso Partido, parte constitutiva da luta pelo socialismo e apresenta a perspectiva radiosa duma sociedade onde não existirá a exploração do homem pelo homem, onde as classes desaparecerão, onde será instaurada a liberdade, a igualdade, a justiça social, o bem-estar e a paz.

O projecto de Programa vai ser imediatamente submetido à discussão de todo o Partido. Os membros do Partido manifestarão as suas opiniões, proporão as emendas que julguem convenientes e, segundo os termos dos Estatutos, o projecto tornar-se-á finalmente o Programa do Partido.

Entretanto a discussão do projecto de Programa não se limitará a ser um debate interno do Partido com o único e restrito objectivo de preparar a aprovação final do Programa.

O projecto de Programa é desde agora um documento político de fundamental importância para toda a actividade do Partido. A discussão

do projecto de Programa será uma grande contribuição para a elevação do nível ideológico de todos os militantes, para o reforço da unidade política do Partido, para a unidade de pensamento e acção de todos os organismos e membros do Partido.

Ligada à discussão das tarefas imediatas do Partido no seu conjunto e de cada organização em particular, a discussão do projecto de Programa, que é desde agora um precioso instrumento de trabalho político, será também uma preciosa contribuição para a aplicação correcta

da linha política e prática do Partido.

Mas, pela sua natureza, pelos problemas que aborda, pelas soluções que indica, pelo caminho que traça, pelas perspectivas revolucionárias que apresenta, o projecto de Programa tem uma importância que ultrapassa a vida interna do Partido Comunista Português. Ele é um documento que interessa a toda a classe operária, a todos os trabalhadores portugueses, a todas as forças democráticas e patrióticas. Por isso consideramos de interesse a sua ampla divulgação.

« Não é com uns tiros e umas bombas que se poderia vencer a poderosa máquina militar fascista »

Pergunta: O Comité Central do Partido Comunista Português, nessa mesma reunião de Janeiro, insistiu na defesa da linha lénica do Partido e criticou severamente os desvios esquerdistas. Deseja o camarada Alvaro Cunhal esclarecer a razão da insistência em tal crítica?

Resposta: O nosso combate contra as concepções esquerdistas, sectárias, anarquistas e aventureiristas não é de hoje. Esse combate é indispensável, porque se não trata apenas de ideias, mas das suas influências negativas, prejudiciais, para a actividade prática do movimento antifascista e do nosso próprio Partido.

O oportunismo de direita tem-nos causado grandes males. A tendência errónea que hoje mais se manifesta, o esquerdismo, não está causando menos.

Os esquerdistas empregam palavras exaltadas e aparentemente revolucionárias. Na prática entrayam o desenvolvimento da acção revolucionária contra a ditadura fascista.

Eles dizem, ou insinuam, por exemplo, que as lutas populares de massas já deram o que tinham a dar, que essas lutas não resolvem nada e que se deve passar desde já à execução de acções violentas, como sabotagens e atentados. Estas concepções desviam os esforços do movimento antifascista e do nosso próprio Partido, da preparação e desencadeamento de lutas de massas, que entretanto são a única forma, o único caminho, para abalar o regime fascista e criar finalmente condições para a insurreição armada.

Os esquerdistas dizem também que não se devem queimar energias no esforço para criar sólidas organizações, porque, segundo eles, isso não é possível em virtude da repressão fascista. Para eles o fundamental é que pequenos grupos comecem acções armadas e terroristas. O resto virá depois. Tais concepções procuram desviar os esforços do trabalho de organização, que entretanto é indispensável para que o movimento democrático em geral possa ter uma estreita ligação com as massas populares e dirigi-las na sua luta até à vitória.

Temos sublinhado que quanto menos força

têm os esquerdistas, mais fácil dizem ser o derubamento do fascismo e mais aventureiristas são os seus planos. As suas concepções traduzem não força, não capacidade directiva, mas desespero, impotência política, falta de perspectiva, falta de confiança na classe operária e nas massas populares.

Nós opomo-nos a tais concepções e apresentamos os seus prejuízos e os seus perigos. Temos no nosso próprio Partido ricas experiências a este respeito. Alguns camaradas deixaram-se influenciar por essas concepções e procuraram aplicá-las. Qual foi o resultado? Na esfera de acção desses camaradas, o resultado foi o enfraquecimento da organização do Partido, o enfraquecimento da ligação do Partido com as massas, o enfraquecimento das lutas de massas, o enfraquecimento do recrutamento de novos quadros. Julgando poder apressar o desenvolvimento da acção revolucionária através de acções prematuras e em muitos casos tipicamente anarquistas, esses camaradas provocaram assim, nos seus sectores de trabalho, atrasos e recuos consideráveis na nossa actividade.

O Comité Central do Partido analisou a preparação da jornada do 1.º de Maio de 1964. Sem dúvida que foi uma boa jornada de luta. Mas poderia ter sido incomparavelmente maior, se todos os esforços tivessem sido encaminhados para a mobilização da classe operária e das massas populares, para manifestações, paralisações de trabalho e outras formas de acções de massas, e não tivesse acontecido, como aconteceu, que diversos camaradas, com as cabeças aquecidas pelo revolucionarismo verbal, tivessem voltadas as suas atenções para a preparação em larga escala de «acções especiais», que não correspondiam de qualquer forma ao momento político que se atravessava e, por isso mesmo, não saíram, salvo casos isolados da fase preparatória. Em vários sectores, as massas populares não foram convenientemente orientadas para grandes lutas, ficaram na expectativa nuns casos e noutros casos recuaram.

Esta experiência deve estar bem viva em toda a preparação do 1.º de Maio de 1965, bem como

em toda a nossa actividade quotidiana.

O Partido Comunista defende que o governo fascista só pela força será derrubado. Salvo acontecimentos imprevisíveis que modifiquem a situação hoje existente no país, será pelo levantamento nacional, pela insurreição armada, que se porá fim à ditadura. Mas para que uma insurreição armada possa ser desencadeada com êxito é necessário que se viva uma situação de crise revolucionária, em que, por circunstâncias diversas, o governo atravessa dificuldades particularmente agudas, em que as massas populares estejam envolvidas em largas acções, em que a organização das forças democráticas e especialmente do nosso próprio Partido, radicadas aos principais centros industriais, nos campos, nos quartéis, nos meios estudantis e intelectuais estejam em condições de conduzir o nosso povo à batalha decisiva, ao assalto à fortaleza fascista, à destruição de todo o aparelho repressivo.

Uns tiros e umas bombas podem ser disparados e atiradas por meia dúzia de homens deci-

didos. Mas não é com uns tiros e com umas bombas que se poderia vencer a poderosa máquina militar fascista. Só a insurreição o pode fazer. E a insurreição só pode ter lugar quando as largas massas se encontrarem em luta aberta contra o regime, quando uma parte considerável das forças armadas estiver ganha para a causa da revolução, quando o movimento revolucionário possua uma organização suficientemente forte para dirigir de facto todo o desenvolvimento das lutas populares e lançar com êxito a batalha final. Uma revolução não se faz gritando palavras irresponsáveis, mas realizando um trabalho verdadeiramente revolucionário.

Se todos compreenderem o verdadeiro e único caminho para se chegar à vitória, se todos desenvolverem pertinazmente um trabalho de organização, se se insistir infatigavelmente no desenvolvimento das lutas populares, procurando conhecer em cada momento os sentimentos das massas e conduzi-las à luta, o dia da insurreição e da vitória estará muito mais próximo do que muitos cuidam.

«Seria a destruição da própria unidade se alguém comandasse a Frente apenas com a sua própria cabeça»

Pergunta: Pelas informações de que dispomos, as resoluções da III.^a Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional realizada em Outubro do ano passado foram acolhidas com interesse e aprovação. Alguns rádio-ouvintes perguntam-nos porém porque deixou o General Delgado de ser presidente da Junta Revolucionária Portuguesa cuja sede é em Alger. Deseja o camarada Álvaro Cunhal dizer alguma coisa sobre essa questão?

Resposta: Para bem se compreender a situação, creio ser útil lembrar que na Frente Patriótica participam anti-fascistas de tendências muito variadas: comunistas, socialistas, republicanos, católicos e até monárquicos. Mas a Frente não pretende ter o monopólio da actividade anti-fascista. Há muitos democratas que cooperam com a Frente sem estarem integrados nos seus organismos, nas Juntas de Acção Patriótica. E há ainda outros que não têm cooperado com a Frente.

Para que se alargue e reforce a unidade de todos os democratas e patriotas na luta contra a ditadura fascista não é indispensável a adesão geral e total de todos à Frente Patriótica, embora esta seja actualmente o único movimento em condições de unificar, numa forma organizada, a acção de numerosos pequenos grupos políticos dispersos que não exercem uma actividade regular. Além do esforço para o alargamento e fortalecimento da própria Frente Patriótica, são possíveis acordos concretos e acções comuns de todas as forças da Oposição, estejam ou não integrados na Frente.

Estas formas de cooperação e unidade de ac-

ção são porém uma coisa. E os métodos de trabalho dentro da Frente são outra. Compreende-se que, sendo a Frente uma organização unitária, é indispensável que nela se siga uma política unitária e que nela exista uma direcção unitária. As decisões dos seus organismos de direcção, seja o Executivo da Junta Central que dirige o trabalho no país, seja da Junta Revolucionária Portuguesa em Alger, têm de ser tomadas em comum.

Seria a destruição da própria unidade, se alguém comandasse a Frente apenas com a sua própria cabeça, saltando por cima das resoluções tomadas em comum, desrespeitando acordos, não dando satisfações da sua actividade, criando disputas e violentos conflitos, procurando eliminar aliados e pretendendo que os recursos, a força, os meios de trabalho, os instrumentos de agitação e propaganda, passassem a servir, não o movimento no seu conjunto, mas a sua própria acção pessoal contrária aos interesses do movimento e prejudicando o desenvolvimento da luta nacional contra a ditadura.

Tão pouco seria de admitir que, num movimento que se propõe estabelecer em Portugal um regime democrático, imperassem processos anti-democráticos de direcção. Qualquer dirigente tem a obrigação de servir o movimento em que participa e nada lhe dá o direito de pretender que o movimento o sirva a ele.

Por tudo isto, o facto de que, como resultado das decisões da 3.^a Conferência, o General Delgado não ficou em quaisquer organismos de direcção da Frente Patriótica e acabou por sair desta, não foi um mal mas um bem, para a Frente e para o movimento anti-fascista em



geral. Com a saída do General Delgado, a Frente não ficou enfraquecida mas fortalecida.

Devo sublinhar que a 3.^a Conferência não fechou as portas à possibilidade duma cooperação com o senhor general. Tudo dependeria, (e de certa forma, quanto a nós, ainda depende) de ele próprio o querer e o saber. Infelizmente, as suas posições parecem mostrar que nem o quer nem o sabe.

A terem de se passar factos destes, foi bem que se tivessem passado nesta altura. Pretensões ditatoriais de dirigentes da Oposição teriam, numa fase mais adiantada do processo revolucionário, consequências verdadeiramente trágicas. Agora a resolução dum problema deste tipo pôde ser obtida através de algumas decisões políticas. A passar-se um caso semelhante na altura da insurreição, por exemplo, ou depois dela, ficaria ameaçado o próprio êxito da insurreição e a solução custaria sem dúvida muitas vidas.

**« Sempre dispostos a ouvir as opiniões dos outros
e a encontrar soluções comuns por todos aceitáveis »**

Pergunta: Significa tudo quanto acaba de dizer que o Partido Comunista Português continua a sua política de unidade de todas as forças anti-fascistas?

Resposta: Sim, é isso que significa e não poderia significar outra coisa. Nós, comunistas, prosseguimos e prosseguiremos infatigavelmente a nossa política de unidade. Não estamos apegados a fórmulas, nem queremos impor soluções aos nossos aliados. Estamos sempre dispostos a ouvir as opiniões de outros e a encontrar soluções comuns por todos aceitáveis. Continuamos e continuaremos trabalhando para unir na luta diária contra a política fascista as mais vastas massas populares. Continuamos e continuaremos trabalhando para unir mais e mais todos quantos lutam para libertar Portugal da ditadura fascista e para instaurar em Portugal um regime democrático.

É certo que há ainda adversários do governo fascista que têm medo das classes trabalhadoras e da revolução anti-fascista. Há ainda quem espere que a ditadura venha a cair como resultado dos conflitos e rivalidades entre os próprios fascistas. Há ainda ingénuos que acreditam que as grandes potências imperialistas (que

As resoluções da 3.^a Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional representam importante progresso na sua actividade. Fortaleceu-se a unidade das forças que a constituem. Melhorou-se o trabalho de direcção. Criaram-se novos instrumentos e possibilidades de acção. Ficou mais claro para todos que a libertação do povo português tem de ser obra do próprio povo português, que é a luta que se trava em Portugal que decidirá do triunfo sobre o fascismo e que só podem causar prejuízos as ideias sebastianistas que aguardam que Portugal seja libertado por qualquer acção vinda do estrangeiro, como que caindo milagrosamente do céu.

A Frente pode agora, melhor que antes, desempenhar um importante papel no desenvolvimento da luta nacional contra a ditadura. Existem hoje melhores condições do que nunca para a unidade de acção de todos os democratas e patriotas de Portugal.

são o principal apoio de Salazar) poderão ajudar o povo português a libertar-se. Há ainda quem se esforce por alcançar do governo uma mísera possibilidade de discordar do governo sem ser preso, a troco duma posição anti-comunista.

Essas atitudes não servem naturalmente a causa anti-fascista, em nada contribuem para apressar a derróca da ditadura, antes tendem a dificultar o estabelecimento duma ampla e combativa unidade de acção, tendem a travar o desenvolvimento da luta popular, tendem a criar ilusões legalistas e putchistas, tendem a afastar as forças democráticas da perspectiva revolucionária.

Essas atitudes contrariam os sentimentos das massas populares. Nas lutas da classe operária, dos camponeses, dos estudantes, dos soldados e jovens oficiais contra a guerra colonial, unem-se portugueses de todas as tendências políticas anti-fascistas. O povo português aprendeu pela sua dura experiência que divisões entre aqueles que se opõem à ditadura fascista só à ditadura podem aproveitar. Por isso, a política de unidade do Partido Comunista recebe a aprovação das mais vastas massas populares e da generalidade dos sectores democráticos.

**Calorosas e fraternais saudações
aos estudantes em luta**

A heróica luta dos estudantes que neste momento se trava mostra bem que, quando há unidade, quando as massas intervêm decididamente na luta, quando existe uma forte organização clandestina e se sabem aproveitar ao mesmo

tempo as possibilidades de acção legal e semi-legal, a repressão e o terror não conseguem abafar e paralisar o movimento, mas, ao contrário, agudizam o conflito que opõe as massas à camarilha fascista governante. O movimento

dos estudantes ganhou tal amplitude, ganhou de tal forma as massas estudantis, que, ano após ano nem as perseguições constantes, nem as expulsões da Universidade, nem as prisões sucessivas de dirigentes, impedem que o espírito revolucionário da juventude se manifeste cada vez com maior veemência.

Aos estudantes portugueses, daqui dirigimos as mais calorosas e fraternais saudações, daqui os felicitamos pela sua luta corajosa, daqui lhes asseguramos a nossa inteira solidariedade.

Também em numerosas lutas pelas suas reivindicações, em numerosas lutas políticas, a classe operária e as massas populares têm mos-

trado compreender o valor da unidade. Têm dado ao longo dos anos tais exemplos de unidade, que podemos dizer: nas lutas das classes trabalhadoras não há divisões.

Não é espírito unitário que tem faltado às massas populares. O que por vezes tem faltado é organização, é iniciativa, é coordenação dos vários sectores democráticos.

O povo é um grande mestre dos dirigentes políticos. Os democratas têm a obrigação de aprender com as massas e tirar todos os ensinamentos dos exemplos de unidade das massas populares.

« As dificuldades acabarão por ser vencidas e acabar-se-á por realizar uma nova Conferência internacional »

Pergunta: O Partido Comunista Português tem afirmado que as vitórias da classe operária internacional, dos países socialistas, dos partidos Comunistas e Operários constituem um importante factor para a pressão a vitória do povo português contra o fascismo. Pela importância do problema e pelos seus reflexos que interessam a classe operária e o povo de Portugal, quer o camarada Alvaro Cunhal dizer algumas palavras sobre a situação actual do movimento comunista internacional?

Resposta: O Partido Comunista Português tem insistido numerosas vezes no sentido da defesa e fortalecimento da unidade do movimento comunista internacional. Toda a acção do nosso Partido, tanto no que respeita aos problemas ideológicos em discussão, como que no que respeita à acção prática no campo internacional e às relações com Partidos irmãos, se tem inspirado pela preocupação de se procurar em comum um caminho para resolver as dificuldades, aplanar as divergências e estabelecer, na base dos princípios do marxismo-leninismo, conclusões e acordos mutuamente aceitáveis.

Em várias ocasiões nos últimos anos, o Partido Comunista Português fez sugestões construtivas com este objectivo e os factos mostram como elas correspondiam às exigências da situação. A nossa orientação tem sido e continua a ser determinada pelo propósito de tudo fazer para defender e reforçar a unidade, de tudo fazer para impedir a cisão do movimento comunista internacional.

A unidade do movimento comunista internacional, a unidade do campo socialista, constituem um factor de decisiva importância para a luta contra o imperialismo, para assegurar os êxitos dos países socialistas, da classe operária dos países capitalistas e do movimento nacional-libertador, para a vitória da causa da liberdade dos povos, da independência das nações, da paz, da democracia, do socialismo, do comunismo.

Como sublinhou o Comité Central do Partido Comunista Português no comunicado da sua reunião de Janeiro último, acordos concretos com vistas à acção comum contra o inimigo comum constituem, no entender do nosso Partido, uma das direcções fundamentais dos esforços para salvaguardar e fortalecer a unidade do movimento comunista.

Consideramos da mais alta importância para o reforço da unidade e da cooperação dos países socialistas, e para a salvaguarda da unidade do movimento comunista internacional, os encontros, acordos e declarações que tiveram lugar quando da recente viagem do primeiro ministro do governo soviético e membro do presidium do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, camarada Kossiguine, ao Extremo Oriente. São passos preciosos para todo o movimento comunista. Mal seria que quaisquer impaciências, precipitações ou apego a soluções feitas, prejudicassem os resultados obtidos e o aproveitamento amplo das novas perspectivas que se abriram.

As divergências existentes não se poderão todas solucionar num curto prazo. O fundamental é que todos tenham como objectivo solucionar-las em comum.

Continuamos pensando ser essencial a discussão franca e fraterna entre os Partidos Comunistas e Operários, o reconhecimento da igualdade, da independência e da soberania de todos os Partidos irmãos, e não ingerência, por parte de qualquer Partido, na vida interna de outros Partidos. Continuamos a considerar necessário o confronto de opiniões entre todos os Partidos numa nova Conferência internacional dos Partidos Comunistas e Operários. Defendemos também, conforme consta de diversas resoluções do Comité Central do nosso Partido, que haveria todas as vantagens em que a orientação geral para a preparação da Conferência fosse obra do movimento comunista internacional no seu conjunto.

O Partido Comunista Português tem sempre

insistido em que aquilo que une os comunistas de todos os países é superior àquilo que nos últimos anos tem tendido a separá-los.

Confiamos em que as dificuldades acabarão por ser vencidas e que se acabará por reali-

zar uma nova Conferência internacional, não «para oficializar a cisão», como têm afirmado vozes pessimistas, mas para reforçar a unidade e a coesão de todo o movimento comunista internacional.

«A defesa do Partido continuará a ser um problema central da nossa actividade»

Pergunta: Uma última pergunta, camarada Álvaro Cunhal. Nos últimos anos, a PIDE prendeu numerosos membros do Partido Comunista Português, incluindo militantes com tarefas de direcção. Não são esses golpes susceptíveis de comprometer gravemente toda a actividade do Partido?

Resposta: É verdade que numerosos membros do Partido, incluindo quadros responsáveis, têm, nos últimos anos, caído nas mãos do inimigo. Não se trata de um facto novo na vida do Partido Comunista Português. Lutando há 39 anos nas condições de clandestinidade, a vida e actividade do Partido têm custado pesadas baixas nos seus quadros. Nestes 39 anos, milhares de comunistas foram presos, torturados, sofreram longos anos de prisão. Mas a pergunta tem razão de ser, pois muitos camaradas e amigos se inquietam pelas perdas que temos sofrido, precisamente num momento em que se colocam perante o Partido grandiosas tarefas.

Com as últimas vagas de prisões, os fascistas conseguiram em alguns casos destruir temporariamente organizações locais e de empresa. Noutros casos, pela prisão de camaradas responsáveis, algumas organizações tem ficado longo tempo sem ligação com a Direcção do Partido. Sucede também que, por vezes, a polícia não prende todos os membros do Partido que localiza como tal, preferindo vigiá-los para tentar, por eles, chegar a atingir o aparelho clandestino central. Das prisões resulta ainda um mais largo conhecimento pela PIDE dos nossos métodos de trabalho e de organização. É evidente que tais golpes nos causam dificuldades. As medidas sérias para a defesa do Partido que têm sido tomadas exigem um recuo temporário num ou noutro momento, num ou noutro sector da actividade partidária. Em tais situações, o mais perigoso é não compreender que, muitas vezes, para manter no conjunto e nos sectores decisivos uma posição de ofensiva, é necessário saber recuar naqueles sectores mais expostos à acção do inimigo, naqueles sectores onde se verificam perdas mais sérias ou perigos mais eminentes.

A defesa do Partido continuará a ser um problema central da nossa actividade pois não há razões para esperar um abrandamento da repressão. O governo fascista sabe tão bem como

nós, que se não prendesse, torturasse e matasse comunistas, a própria existência da ditadura fascista ficaria em perigo dentro dum curto prazo. Por isso tem intensificado e devemos contar com que intensifique ainda mais as perseguições contra o Partido Comunista. Mas não conseguirá o seu fim.

Foi na clandestinidade, foi debaixo da constante acção repressiva da ditadura fascista, que o Partido Comunista Português se forjou e formou como um grande partido nacional, que ganhou uma influência, prestígio e autoridade que ninguém ousa contestar.

Ao terror fascista, respondem os comunistas com a sua coragem, a sua determinação, o seu sacrifício pessoal, a sua dedicação ao Partido, à classe operária e ao povo português. O Partido orgulha-se daqueles muitos nossos melhores camaradas que, neste momento, sofrem torturas porque se recusam a prestar declarações ao inimigo, e daqueles muitos outros, e dos melhores que se encontram nas sinistras prisões de Salazar. Daqui lhes dizemos: «Confiai, queridos camaradas. O Partido não vos esquece. Tudo faremos para vos arrancar às mãos do inimigo e estamos certos de que havemos de libertar-vos».

Os comunistas têm feito grandes sacrifícios. Estão dispostos a fazer mais e maiores para abrir caminho para a vitória. Nem prisões, nem cruéis torturas, nem saúdes arruinadas, nem vidas inteiras nas cadeias, nem assassínatos, nada, nada conseguirá impedir que o Partido Comunista Português prossiga o seu glorioso caminho. Podem todos estar certos: assim como não o conseguiu no passado, o governo fascista não consegue e não conseguirá impedir que o Partido Comunista se mantenha à frente da classe operária e das massas populares, na vanguarda do movimento nacional anti-fascista.

Nada conseguirá impedir que a luta popular, com os comunistas nas primeiras filas de combate, se desenvolva, ganhe nova amplitude, adquira aspectos novos e superiores e conduza (inevitavelmente conduzirá) à insurreição nacional, ao derrubamento da ditadura fascista, à conquista para o nosso povo e para a nossa pátria da liberdade, da democracia, da paz, da independência.

Temos a certeza da vitória final e vencemos!

(NOTA: Os sub-títulos são da responsabilidade de «O Militante»)

ORGANIZAR PARA LUTAR!

No seu relatório à reunião do CC de Abril de 1964 o camarada Cunhal começa assim o capítulo referente à organização:

«O Partido insiste em que a tarefa de organizar é uma tarefa central e decisiva. Insiste na necessidade, não só de fortalecer a sua própria organização, a organização do Partido, mas de fortalecer todas as formas de organização não partidárias, legais, semi-legais ou ilegais. Insiste na necessidade de aproveitar as organizações legais existentes e tentar mesmo criar novas organizações. E insiste em que, sem cumprir essa tarefa, não se poderá conduzir o movimento anti-fascista à vitória».

Já depois deste relatório ter sido apresentado tiveram lugar no país importantíssimas lutas da classe operária, dos estudantes, etc. Estas lutas que têm sido largamente referidas na imprensa e na rádio do Partido, são a confirmação clara que para lutar é preciso, é absolutamente necessário organizar.

Quando dizemos que as lutas dos últimos tempos são mais uma confirmação da necessidade de organizar não pretendemos referirmo-nos apenas às lutas que terminaram em vitória, mas também àquelas que terminaram sem alcançar os objectivos que se propunham. Assim, se se deve salientar, por exemplo, o facto de os operários da CUF, terem sabido não apenas manter, mas aumentar o seu espírito de luta ao longo de muitos meses, deve igualmente salientar-se que isso se deve ao facto de eles terem sabido conservar um mínimo de organização própria aproveitando ao mesmo tempo com muita inteligência a organização criada pela própria direcção da empresa, que como é bem de ver se destinava não a servir os trabalhadores mas a criar-lhes ilusões, a socavar o seu espírito de classe.

Se os pescadores algarvios alcançaram uma bela vitória no começo da safra do ano passado isso se deve ao facto de eles terem criado as suas comissões de unidade e manterem-se unidos em volta delas durante a luta.

Se os estudantes têm conseguido manter intacta ao longo de muitos meses, apesar da brutal repressão que sobre eles tem sido desencadeada, a sua unidade e combatividade, isso deve-se ao facto de por detrás delas existir uma boa organização do Partido e organizações legais e semi-legais que têm mantido um estreito contacto com as massas estudantis. Estes exemplos podiam multiplicar-se que sempre eles nos diriam que sem organizações, as lutas e ainda mais as lutas vitoriosas são quase impossíveis.

Os prejuízos que resultam para os trabalhadores quando eles se lançam em acções reivindicativas ou outras sem cuidar antecipadamente da sua organização estão bem patentes na

paralisação recente dos operários da fábrica do Cobre, no Porto, durante 15 minutos. Os salários dos operários do Cobre nunca foram elevados, mas com a subida do custo de vida eles tornaram-se mais que insuficientes. Foi para pedir aumento de salários que eles paralisaram o trabalho, mas porque não souberam criar uma organização, para orientar e impulsionar a luta, bastou que um patife dum engenheiro ameaçasse com a polícia para que imediatamente os trabalhadores mais receosos abandonassem a concentração e quebrassem a unidade tão necessária e fundamental para atingirem os seus fins.

São bem conhecidas as aspirações de muitos trabalhadores do Norte, nomeadamente da Carris, metalúrgicos, construção civil e outros que desejam ver os seus salários equiparados aos seus camaradas do Sul.

Sendo como é, esta aspiração absolutamente justa, uma vez que desapareceram há muito as diferenças que havia no custo de vida entre as duas regiões industriais mais importantes do país, ela só não foi ainda satisfeita ou pelo menos atenuada as diferenças existentes porque aos trabalhadores do Norte tem faltado uma organização devidamente estruturada e suficientemente combativa para se impor ao patronato e ao governo. Estes exemplos, a que também podíamos juntar outros, são como os primeiros, ainda que por formas diferentes, a comprovação que agora como sempre, a organização é a pedra de toque de todas as lutas dos trabalhadores e das massas populares.

Pela importância que têm para a unidade e as lutas da classe operária referir-nos-emos em especial, às comissões de unidade e comissões sindicais.

Comissões de unidade

As comissões de unidade, continuam a ter papel preponderante na condução das lutas da classe operária e das massas em geral. Lamentavelmente há ainda muitas incompreensões quanto à sua utilidade e muita falta de maleabilidade quanto à sua formação. Por medo da repressão fascista e das represálias patronais, são muitos os trabalhadores mesmo dos mais esclarecidos que receiam fazer parte duma comissão de unidade, de classe, sindical, etc. Este receio, sendo perfeitamente compreensível, tem de ser vencido. Num país como o nosso, onde a parte mais reaccionária da burguesia se instalou no poder e o governo que está ao seu serviço conduz toda uma política favorável a essa burguesia e desfavorável ao proletariado e ao povo, não se pode esperar qualquer melhoria que não seja arrancada pela luta. Para a



imensa maioria dos trabalhadores portugueses está também claro que se não pode partir para a luta isoladamente. A firmeza e combatividade dos trabalhadores não é a mesma quando se dirigem individualmente ao patrão ou vão acompanhados com outros companheiros de trabalho e apoiados na vontade e na força da classe. Aliás, o respeito do patrão para com os trabalhadores e as suas reivindicações também não é o mesmo quando eles se apresentam isolados ou quando vão apoiados nas massas. A diferença entre cada uma das situações, é que, quando o operário se encontra isolado perante o patrão, ele pede, solicita, quase mendiga um aumento de salário ou outras regalias, mas quando ele está enquadrado numa comissão e tendo atrás de si a força dos seus companheiros de trabalho, ele exige aquilo a que tem direito, ele não deixa ao critério do patrão aquilo que este entende ou não dar-lhe, ele apresenta as suas reivindicações e dispõe-se de maneira geral a lutar por elas até que sejam satisfeitas. Daqui a razão porque se insiste e se insistirá, para que em cada empresa, em cada classe profissional, se formem organismos representativos dos trabalhadores.

Quando se diz que há falta de maleabilidade na formação de comissões de unidade, quer-se dizer que por vezes, nem sempre se encontram as formas mais adequadas e aceitáveis para a formação dessas comissões. Os efeitos da repressão sobre os trabalhadores têm deixado marcas muito fundas. Precisamente porque o governo fascista se encontra ao serviço do grande capital é que ele atira com todo o seu aparelho repressivo contra os trabalhadores e o povo. Toda a resistência da classe operária contra a exploração é alvo das maiores violências e arbitrariedades; sendo assim é compreensível que haja certo receio de muitos trabalhadores a pertencerem a uma comissão de unidade, a fazer parte de qualquer organismo que tenha de aparecer defendendo os interesses do colectivo. A falta de maleabilidade está no facto de nem sempre se encontrarem as formas de ultrapassar esta dificuldade que muitas vezes reside apenas no nome a dar aos organismos que se pretende criar, na maneira de os formar, nas formas deles reunirem, no número de pessoas que os devem constituir, etc.

Também nem sempre se atende às tradições de luta existentes em cada empresa ou classe profissional, assim como às experiências positivas e negativas dos trabalhadores relacionadas com a existência de organismos unitários.

No que se refere à vida das comissões de unidade ou outras, convém ter igualmente muito em conta a opinião dos trabalhadores quanto ao que pensam sobre a legalidade ou semi-legalidade das mesmas. Naturalmente que a existência duma comissão de unidade ou de classe que tem de aparecer defendendo os interesses

dos trabalhadores, e sempre mais vantajosa se pela sua ligação às massas e apoio que recebe delas consegue impor a sua legalidade e neste aspecto há variadíssimos e ricos exemplos.

Ainda que deva ser para aqui, para a legalização dos organismos unitários que devem ir os maiores esforços não se deve pensar que a semi-legalidade duma comissão de unidade é impeditiva dum bom trabalho de massas.

Tomemos o exemplo dos pescadores de Matosinhos. Estes valentes trabalhadores do Mar que desde há anos vêm travando uma série de importantes e corajosas lutas, têm a sua comissão de unidade formada. Esta comissão apesar de não ter uma vida completamente legal nem por isso tem deixado de desempenhar um papel valiosíssimo nas lutas da classe. A confiança dos pescadores na sua comissão de unidade é muito elevada. Basta que ela decida, sempre de acordo com a vontade das massas que tal dia não se vai ao mar porque os industriais da conserva querem o peixe quase dado, para que cerca de 6 mil trabalhadores se recusem como um só a embarcar. Basta que essa mesma comissão correspondendo ao espírito anti-salazarista da classe decida que num feriado como o 5 de Outubro se não deva trabalhar para que ninguém trabalhe. Este é um riquíssimo exemplo a demonstrar que para a formação e existência duma comissão representativa de trabalhadores não se podem ter ideias feitas ou receitas preparadas de antemão. É preciso ter em conta a experiência do Partido acumulada durante muitos anos tal como a vontade e a experiência dos trabalhadores. A formação de comissões representativas dos trabalhadores que organizem e orientem as massas nas suas lutas é pois uma necessidade que há a satisfazer sem perda de tempo, tendo evidentemente sempre presente que estas comissões têm de gozar do apoio das massas e que os elementos que os compuseram devem destacar-se pela sua seriedade e combatividade.

O facto de nos referirmos aqui fundamentalmente à classe operária não significa que esta mesma orientação não seja de maneira geral válida para outras classes e camadas da população. O que é necessário é que para cada um dos casos, quer se trate de camponeses, estudantes ou intelectuais se tenha igualmente em conta as condições concretas, disposição e tradições de luta, o meio, contra quem e porque formas ela vai ser conduzida, etc.

Comissões sindicais

A necessidade de formar comissões sindicais, tem, erradamente, sido vista no Partido só em períodos de eleições nos sindicatos e mesmo assim nem sempre ou com antecedência que seria de desejar. A subestimação evidente quanto a este aspecto do trabalho do Partido tem

causado sérios prejuízos quer para o prestígio e influência do Partido entre as massas; quer para os interesses dos trabalhadores. O facto de não haver continuidade no trabalho sindical leva a perda de hábitos e de posições tão necessárias para ajudar à consciencialização revolucionária da classe operária e a satisfação de algumas das suas reivindicações.

Não será preciso recuar muito nos anos para encontrar exemplo de trabalho sindical permanente ou quase permanente, assente em comissões sindicais e em classes tão importantes como os corticeiros, construção civil, têxteis, metalúrgicos, vidreiros e outros. Em algumas destas classes profissionais, já pelas tradições, já pela elevada compreensão que havia acerca do trabalho sindical, existiam quase permanentemente comissões sindicais que, eram reconhecidas pelos trabalhadores e realizavam um bom trabalho de mobilização das massas em volta de certas reivindicações e no desmascaramento dos abusos e arbitrariedades patronais.

Se as classes profissionais como os corticeiros, construção civil, vidreiros, etc, têm hoje uma actividade sindical muito mais reduzida ou praticamente nula, isso não se deve, ao facto de os trabalhadores terem deixado de se interessar por este tipo de trabalho mas antes porque se deixou quase no esquecimento a importância dos sindicatos nacionais, como meio de mobilização das massas. Esqueceu-se aquele tão lúcido ensinamento de Lênine acerca do trabalho nos sindicatos reaccionários quando dizia: «É preciso saber suportar toda sorte de sacrifícios, ultrapassar os maiores obstáculos, afim de conduzir uma propaganda e uma agitação sistemática, perseverantes, obstinadas e pacientes justamente nas instituições, sociedades, organizações, — mesmo nas mais reaccionárias — portanto onde estão as massas proletárias ou semi-proletárias». («Doença Infantil») As comissões sindicais formadas na mesma base unitária das comissões de unidade e outras são pois uma necessidade ainda mais imperiosa naquelas classes profissionais onde as massas se habituaram a conduzir muitas das suas reivindicações através dos sindicatos. É evidente que nas condições dum regime fascista como o que existe em Portugal, tem de haver o cuidado de alertar constantemente os trabalhadores para não confiarem à luta sindical a solução de todas as suas reivindicações, mesmo que à frente dos sindicatos se encontrem direcções da sua confiança. Os sindicatos nacionais fazem parte da engrenagem corporativa que visa toda ela, não a defender as massas populares da exploração mas a facilitá-la tanto quanto possível. No entanto, as intenções dos fascistas são uma coisa, as acções e força das massas são uma outra bem diferente. A experiência tem demonstrado que apesar de todas as limitações existentes na engrenagem sindical os trabalhadores quando utilizam os sindicatos unidos e em força

conseguem alcançar importantes vitórias. Quando recentemente os operários dos curtumes e empregados bancários, como antes os operários dos telefones; Carris de Lisboa e Porto e tantos outros realizaram poderosas assembleias e concentrações nos seus sindicatos mostraram como através da luta sindical aliada à luta nas empresas é possível arrancar aumentos de salários e vencimentos, fazer recuar o patronato e o governo nos seus desejos de maior exploração.

Mas estas importantes acções conduzidas nos sindicatos ou em volta deles só foram possíveis porque os trabalhadores souberam antes criar as suas comissões sindicais, as quais pelo bom trabalho realizado e pelo apoio que tinham atrás de si se impuseram ao patronato.

A fase ascensional que se verifica na luta revolucionária no nosso país, coloca-nos o problema da seguinte forma: para que cresçam na medida do necessário e do possível as lutas da classe operária e das massas populares, é preciso organizar, mas para organizar na medida do necessário e também do possível, é preciso lutar e lutar com afinco e com urgência, para organizar a classe operária e os trabalhadores. É preciso vencer todas as resistências e incompreensões acerca do trabalho de organização e compreender a orientação do Partido tão claramente expressa no relatório do CC à reunião de Abril de 1964, quando diz:

«Por todas as dificuldades que apresenta o trabalho de organização não é do agrado daqueles que pretendem resolver os complexos problemas duma revolução vitoriosa sem grande trabalho preparatório. Quando ouvem dizer que é necessário organizar as forças políticas antifascistas, e organizar os operários, e organizar os camponeses, e organizar os pescadores, e organizar os estudantes, e organizar os intelectuais, e organizar os militares, e organizar os jovens, e organizar as mulheres, e organizar as lutas sejam grandes ou pequenas, acham decididamente que se trata dum trabalho demasiado moroso e difícil e dizem que «assim nunca mais se lá chega». A verdade é inversa. A verdade é que chegaremos se soubermos organizar, e nunca chegaremos se não o soubermos».

A organização do Partido decide tudo

A necessidade de organizar a classe operária e as massas populares para se oporem à exploração e melhorar as suas condições de vida, a luta dos soldados e todos os anti-salazaristas contra as guerras coloniais, a luta contra a repressão e pela amnistia, a luta contra a escassez de géneros e a vida cara, a luta pelos direitos da juventude e das mulheres, a luta contra a censura e pelas liberdades democráticas e sindicais, etc, não pode fazer esquecer que toda esta imensidade de tarefas só pode ser cumprida se por detrás delas estiver a organização do



Partido.

Para além de caber à classe operária e ao seu Partido, o Partido Comunista, um papel decisivo na preparação e desencadeamento da revolução democrática e nacional, acontece ainda que dada a ausência de outros partidos da oposição organizados no interior do país, cabe aos comunistas um papel ainda mais importante, ainda mais decisivo. O nosso povo habituou-se a ver, a pressentir, por detrás de quase todas as lutas, sejam elas de operários e camponeses, da juventude ou dos intelectuais a acção do Partido, o esforço dos seus funcionários, das suas organizações e militantes. Hoje mais que nunca, sem estas acções, sem este es-

forço não há, quase pode dizer-se, luta possível. Daqui a necessidade de insistir sempre mais e mais para se reforçarem as organizações, para se recrutarem novos militantes, para se alargar a organização a novas empresas e classes profissionais, a quartéis e escolas, localidades, regiões; onde ela não existe ainda. Só assim é possível alargar a luta à escala nacional aproveitando as perspectivas revolucionárias que continuam e continuarão a crescer.

O reforçamento da organização do Partido, é pois uma tarefa vital. Sem o conseguirmos não é possível dar à luta o impulso que ela necessita e exige.

A greve dos pescadores algarvios

As lutas travadas em Abril de 1964 no Algarve abarcaram milhares de trabalhadores. Durante mais de duas semanas, pescadores, conserveiros, camponeses e outros trabalhadores, levaram a cabo, nos portos, nas fábricas e nas ruas, numerosas acções contra o fascismo e por uma vida melhor.

No centro de todo este vasto movimento popular que se estendeu de Lagos a V.R.S. António, situa-se a greve dos pescadores.

A meados de Abril, iniciava-se a safra da sardinha. De Lagos, dirigem-se a Portimão (sede da capitania) algumas dezenas de pescadores que exigem melhores condições de trabalho na safra que se ia iniciar. À recusa do patronato em satisfazer as suas reivindicações, respondem eles com a recusa em assinar as matrículas.

Ao tomarem esta posição os pescadores de Lagos encabeçam a luta de todos os pescadores algarvios e, por isso mesmo são apoiados por toda a classe.

Arrastar os companheiros dos diferentes portos para a acção em defesa das reivindicações apresentadas, condição imprescindível para o êxito da luta que haviam encabeçado. Animados da firme decisão de vencer eles souberam resolver este e muitos outros problemas que se lhes depararam no decorrer da luta.

Depois de se terem recusado a assinar as matrículas, os pescadores de Lagos que se haviam deslocado a Portimão, procuram os companheiros desta terra a quem expõem a sua posição e os incitam a lutar, ganhando a sua adesão para a luta. Nesta reunião conjunta os pescadores dos dois portos tomam a decisão de só irem ao mar quando forem melhoradas as suas condições de trabalho.

Portimão é o maior centro piscatório do Algarve. O facto de os pescadores deste centro se terem decididos à luta teve grande importância para o ulterior desenvolvimento

da luta. A greve surge como decisão dos pescadores que se reuniram para estudar o que fazer para obrigar o patronato a satisfazer as suas reivindicações. Por outro lado, iniciam a greve um grande número de pescadores o que facilitou a adesão dos outros portos.

Durante todo o tempo que durou a greve, 15 dias, o fascismo lançou contra os pescadores um forte aparelho repressivo e ocupou militarmente a província algarvia, todavia, a unidade e a combatividade dos pescadores, apoiados pelas largas massas de trabalhadores da costa algarvia fizeram recuar o fascismo e impuseram a vitória.

Embora o eclodir da greve apareça com um carácter espontâneo, ela perderá esse carácter se tivermos em conta todo o processo do seu desenvolvimento e, a integrarmos no ambiente político que se vivia no país e, mais particularmente no Algarve.

As condições de vida do nosso povo agravaram-se extraordinariamente. No caso particular dos pescadores e dos conserveiros, seus mais firmes aliados na greve, a situação é ainda pior, dado que se estava no fim dos 5 meses de defeso, o período mais negro para estas classes.

O grande descontentamento reinante nos pescadores por causa das suas miseráveis condições de vida, foi estimulado pela preparação da jornada do 1.º de Maio. Por toda a província algarvia o Partido havia lançado milhares (60 mil) de manifestos e targetas apelando para os trabalhadores algarvios fazerem do dia 1.º de Maio uma grandiosa jornada de luta por melhores condições de vida e contra o fascismo.

Directamente aos pescadores foram dirigidos vários manifestos nos quais, além dos apelos para que fizessem do 1.º de Maio uma jornada de luta os incitava a reivindicarem melhores condições de trabalho na safra da sardinha que se ia iniciar, manifestos esses que os próprios por sua iniciativa ~~se~~ apanhavam e ~~se~~ faziam

chegar aos seus companheiros.

A palavra de ordem lançada pelo Partido correspondeu inteiramente aos anseios dos pescadores e eles dispuseram-se à luta pela sua concretização. Se, quando os pescadores de Lagos se dirigiram a Portimão não pensavam na greve nem previam todo o ulterior desenvolvimento da luta, iam no entanto animados da firme decisão de lutar pela conquista de melhores condições de trabalho. A greve é precisamente a resposta firme dada à recusa do patronato em satisfazer as suas reivindicações, resposta que exprime quanto era firme a decisão de luta, criada antes da chegada do dia da assinatura das matrículas.

A organização da luta

Como se disse a iniciativa e o centro motor da greve cabe aos pescadores de Lagos e, em certa medida também aos de Portimão.

Embora Lagos seja um dos mais pequenos centros piscatórios do Algarve, foi aí que os pescadores, impulsionados pela acção do nosso Partido, discutiram entre si os seus problemas e prepararam para a luta em prol da melhoria das suas condições de vida.

Ao lançarem-se na luta por reivindicações de interesse para toda a classe os pescadores de Lagos viram facilitado o seu papel dirigente e o de ganhar os restantes companheiros para a luta. A solução deste problema, o de arrastar à luta os pescadores dos diferentes portos, revela uma vez mais o que é a iniciativa criadora das massas.

Da reunião conjunta dos pescadores de Lagos e Portimão, saiu a decisão da greve e também a de se enviar estafetas aos diferentes portos para anunciar aos seus companheiros as decisões tomadas e conclamá-los à luta. A notícia encheu de júbilo os pescadores e as massas trabalhadoras. Em Olhão a notícia da greve espalhou-se rapidamente. Uma multidão calculada em mais de 5 mil pessoas desfilou pelas ruas aos gritos: «os pescadores algarvios estão em greve», «temos fome», «queremos melhores condições de trabalho».

No decorrer da greve jamais os pescadores dos diferentes portos deixaram de estar em contacto uns com os outros, decidindo por isso mesmo em comum o continuar da greve. Havia sido montados os estafetas. Mas, os pescadores haviam montado também outros processos, contactavam pelo telefone e até pela fônda marítima.

Nunca houve uma comissão geral de pescadores, mas pelos processos acima indicados, tendo como centro Lagos e Portimão, os pescadores mantiveram-se unidos e rechaçaram todas as tentativas do fascismo para dividir os pescadores, lançando malévola boatos de que neste ou naquele porto os pescadores já

tinham ido ao mar. Não menos importante foram os piquetes montados junto aos cais para meter na ordem os que quizessem furar a greve.

De grande importância foram as reuniões de pescadores. Estas reuniões, autênticas assembleias populares realizadas na rua, nos cais, nas tabernas, ajudaram a consolidar a unidade e a organização das massas. Nelas se discutia as demarches empreendidas e o que fazer para forçar os armadores e o fascismo a terem em conta a vontade dos trabalhadores.

A greve, as amplas assembleias, revelaram numerosos dirigentes populares de massas. A repressão não se fez esperar, em todos os portos foram presos os pescadores que mais se destacavam, mas, porque a greve era total, porque os pescadores se mantinham unidos e tomavam as suas decisões em reuniões amplas, outros dirigentes surgiam e jamais foi possível decapitar a luta. Em alguns casos a acção pronta das massas forçou a Pide a libertar os presos.

A luta dos pescadores teve os seus frutos. Ao fim de 15 dias duma greve heróica, fazendo frente a um poderoso aparelho repressivo, acabaram por ver coroada de êxito a sua luta. O êxito dos pescadores deve em primeiro lugar ser visto na unidade, combatividade e iniciativa. Mas, outros factores não menos importantes facilitaram o desfecho da greve e não só da greve como também das lutas que se lhe seguiram.

Já se falou no ambiente político que se vivia dado que se aproximava o 1.º de Maio. Desde os primeiros instantes os pescadores tiveram o apoio de vastas massas trabalhadoras algarvias, bem como do resto do país e do estrangeiro.

Ao lado dos pescadores participaram (e isto é um aspecto muito importante das lutas do Algarve) milhares de conserveiros, corticeiros, camponeses, soldados, etc, que vieram à rua dar o seu apoio aos pescadores em luta.

Quando a repressão desabou sobre os pescadores de Lagos, os iniciadores da greve, mais de mil pessoas iniciaram uma marcha pela cidade em direcção ao posto da GNR para exigir a libertação dos presos acabando por o conseguir devido a esta e outras acções.

Em Portimão mais de 5 mil pessoas realizaram uma manifestação de apoio aos pescadores. Concentrando-se junto ao cais o povo apoiava e incitava os pescadores a prosseguirem na luta. Manifestações idênticas se realizaram em Lagos e Olhão.

A solidariedade dos trabalhadores algarvios aos seus irmãos de classe em luta foi sem dúvida mais profunda porque foi estimulada pela aproximação do dia 1.º de Maio, dia de solidariedade proletária.

Sem subestimar o papel da unidade e da combatividade dos pescadores no desfecho da greve, sem dúvida que o ambiente político que se vivia, estimulado pela a aproximação do 1.º de Maio facilitou a obtenção da vitória.

O fascismo fez tudo para levar os pescadores à derrota mas, estes de degrau em degrau haviam reforçado a sua unidade e decisão. Nem a repressão, nem a chantagem, nem o suborno, puderam quebrar a sólida determinação dos pescadores de vencerem. Chegou-se a 28 de Abril, a 3 dias portanto do 1.º de Maio. Entre o capitular perante os pescadores e a perspectiva de se entrar no 1.º de Maio com milhares de trabalhadores em luta que, nesse dia redobriam com certeza de energia, o fascismo preferiu capitular e satisfazer as reivindicações dos pescadores. Daí a justeza da conclusão do nosso Partido de que a greve dos pescadores faz parte da jornada do 1.º de Maio.

A greve e a consequente vitória dos pescadores algarvios se por um lado foi influenciada pela jornada do 1.º de Maio, por outro lado teve profundas repercussões no desenvolvimento da própria jornada e na elevação do espírito combativo dos trabalhadores algarvios para novas lutas.

Um 1.º de Maio diferente no Algarve

O 1.º de Maio de 1964 teve alguma coisa de diferente no Algarve. A jornada foi desde o carácter proletário dado a coisas tradicionais às greves. O «tradicional» 1.º de Maio no Algarve decorreu sob a vigilância dos capacetes de aço e das metralhadoras que o fascismo pôs na rua para fazer frente aos trabalhadores.

As lutas que se seguiram à greve, mostra bem até que ponto esta influenciou os trabalhadores de outras profissões. Por terem participado directamente na luta em apoio dos pescadores, ou despertados pela combatividade destes, mi-

lhares de trabalhadores de diferentes profissões passaram ao ataque apresentando as suas próprias reivindicações, originando um vasto movimento popular em toda a província.

Os conserveiros que haviam dado uma poderosa ajuda aos pescadores começaram a reivindicar melhores salários tendo obtido \$90 por hora de aumento. Aqui o patronato apressou-se a satisfazer as reivindicações dos trabalhadores temendo o recurso a formas superiores de luta.

As mulheres que trabalhavam nos arrozais de Odeixe conseguiram aumento de 5 escudos diários depois de terem recorrido à greve. O mesmo fizeram os operários agrícolas de Olhão que viram os seus salários aumentados após dois dias de greve. Igualmente à greve recorreram os operários agrícolas da Quarteira que impuseram o horário das 8 horas.

Outras e variadas lutas tiveram lugar neste período como seja a dos electricistas e cantoneiros da barragem de S. Estevão (Silves), dos corticeiros da Cafi (Lagos) que se concentraram junto da gerência para reivindicar aumento de salários, dos camponeses de Loulé, etc.

Os trabalhadores algarvios e particularmente os pescadores saberão tirar as lições destas grandiosas lutas que os colocou na vanguarda das lutas económicas travadas em 1964.

Os trabalhadores compreenderam que não tinham apenas que lutar contra o patronato mas também contra o fascismo seu sustentáculo. Compreenderam igualmente quanto vale a unidade e a combatividade dos trabalhadores. Quando hoje eles dizem que a greve é o caminho mais curto para impôr as suas reivindicações, eles exprimem a confiança que a luta lhes deu apesar do risco de subestimar o recurso a outras formas de luta.

CONDIÇÕES DE INSURREIÇÃO POPULAR

(extracto do Projecto de Programa)

A insurreição popular vitoriosa só poderá ter lugar numa situação revolucionária, ou seja, numa situação em que o movimento democrático, pela sua organização e pela disposição e decisão das massas que nele participam, estiver em condições de se lançar ao assalto armado ao poder e em que as forças fascistas, roídas por contradições, não estiverem mais em condições de resistir ao ascenso do movimento democrático.

São igualmente de combater tanto as tendências golpistas e terroristas e as tendências aventuristas, como as tendências legalistas e as ilusões constitucionais, que afastem umas e outras o movimento democrático da sua tarefa fundamental de mobilização das massas e da sua perspectiva revolucionária. O combate a

essas tendências, que traduzem o receio ou a falta de confiança nas massas populares e cujo perigo relativo pode variar segundo as circunstâncias, é uma condição para o desenvolvimento vitorioso do movimento anti-fascista.

As tarefas fundamentais do Partido Comunista Português com vistas à criação das condições para a insurreição popular vitoriosa são o reforço do trabalho partidário em todos os aspectos a unidade de acção da classe operária, a união e organização das forças democráticas e patrióticas e o desenvolvimento da luta popular de massas pelas reivindicações económicas, políticas e sociais das massas pelas reivindicações económicas, políticas e sociais das classes laboriosas. Só a luta popular de massas pode conduzir a uma insurreição popular vitoriosa.